



REPRESENTAÇÕES BIOGRÁFICAS, IDENTIDADES MILITANTES E ATUAÇÃO PROFISSIONAL EM ONG'S.

WILSON JOSÉ FERREIRA DE OLIVEIRA¹

RESUMO: Essa comunicação analisa as modalidades de “representação biográfica” que respaldam os usos da formação escolar universitária na militância em ONG's. Com base nos trabalhos de Goffman e em análises dos “rituais de entrevista”, examina-se a performance dos militantes em diferentes “situações sociais” nas quais a própria “história de vida” é utilizada como recurso identitário para respaldar sua atuação: os contatos iniciais e as conversas informais durante o processo de negociação e de realização das entrevistas; a participação em reuniões de entidades, conselhos e comitês, festas e confraternizações, encontros e seminários, etc. Em tais situações, pode-se observar que seus discursos e intervenções estão respaldados em identidades militantes que têm como base modelos diferenciados de “histórias de vida”. A evocação de tais modelos está estreitamente relacionada às condições e às lógicas sociais que os conduzem à participação e ocupação de postos em tais organizações.

PALAVRAS-CHAVES: Representações Biográficas; Identidade; Militantismo; Atuação Profissional; ONG's

INTRODUÇÃO

Durante o processo de negociação e de realização de entrevistas com militantes de ONG's ambientalistas defrontei-me, constantemente, com a cobrança dos entrevistados quanto ao meu “comprometimento” com a causa ambiental, manifestando publicamente suas descrenças em relação à representação de “observador” do pesquisador. Eles criticavam a todo o momento o profissional e o “pesquisador neutro” e exigiam o comprometimento e a responsabilidade da universidade e do “conhecimento científico” “perante a sociedade”. Foram várias as situações durante a pesquisa em que tais cobranças vieram à tona: nas entrevistas, nas reuniões e até mesmo em conversas mais informais. Isso pode ser observado nas reuniões em que os coordenadores indagam ao pesquisador sua opinião sobre determinados assuntos que estão sendo tratados na mesma ou ainda quando perguntam publicamente se o mesmo não planeja engajar-se em nenhuma “entidade” após o término da pesquisa.

Um exemplo bem significativo disso foram alguns diálogos estabelecidos com uma das dirigentes da Associação Democrática Feminina Gaúcha – Amigos da Terra (ADFG-AT) em diferentes situações de pesquisa. Numa reunião-almoço da Assembléia Permanente das Entidades de Defesa do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul

¹ . Prof Adjunto do Departamento de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas e doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mails para contato: wilson@ufpel.edu.br ou wjfoliveira@msn.com

(APEDEMA/RS), que constitui uma entidade de representação das organizações ambientalistas do estado, tal dirigente cobrou do pesquisador uma “militância” no sentido dele “ter um compromisso com o movimento e de dar contribuições específicas quando for solicitado”, citando como exemplo um professor do curso de geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que estabelece esse tipo de relação com a sua “entidade”. Alguns meses depois durante uma outra reunião com os representantes das ONG’s estaduais no Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA) ela se dirige ao pesquisador para lhe contar que após sua entrevista ela se deu conta de que sabe muito pouco sobre a família de seu pai e que, como conviveu muito com sua avó materna, era da família da mãe que ela sabia mais. Por isso quando foi a Florianópolis resolveu informar-se mais sobre a família de seu pai, através de conversas com ele, bem como de vídeos e slides que ele tinha. Concluiu dizendo que estava ansiosa para contar o ocorrido ao pesquisador porque isso demonstra o quanto o tipo de entrevistas realizado por ele “influencia” praticamente a própria “vida” das pessoas, no sentido de que as faz pensar sobre ela. Após isso, indagou novamente ao pesquisador sobre o seu engajamento. Por fim, tal cobrança aparece também durante as próprias situações de entrevistas. Isso ocorreu numa entrevista com o dirigente da União Protetora do Ambiente Natural (UPAN) durante à qual ele indaga ao entrevistador: “Não sei o que tu achas do nosso estatuto?” E logo em seguida completa em tom de brincadeira: “Opa! Tu é impessoal! Tu só ouve”.

Como se sabe, as dificuldades decorrentes do processo de inserção do pesquisador no terreno de análise, do levantamento das informações sobre o que pretende investigar e das formas de disponibilidade e de acesso aos documentos, registros e práticas existentes, “são portadoras de uma informação positiva sobre as situações que as produzem”, podendo “se converter em fontes de informação capaz de enriquecer nossa análise das formas da respectiva construção social” e ser consideradas como uma “realidade social a ser analisada como tal” (Merllié, 1996: 156-157). Por isso, com base no princípio da reflexividade da prática etnográfica, que exige do pesquisador a constante vigilância em relação às condições sociais, políticas e culturais através das quais os dados etnográficos são produzidos (Beaud & Weber, 1998), considere tal situação como uma via de acesso à investigação das concepções e práticas que conduzem ao ingresso e à militância em tais organizações.

Tal análise foi construída com base nas orientações sugeridas pelos trabalhos que consideram a “situação de entrevista” como um tipo específico de “situação social”, de modo os signos exteriores e incorporados mobilizados pelos entrevistados durante o processo de negociação e de realização são influenciadas pelas diferenças e constrangimentos de posição social (Pinçon & Pinçon-Charlot, 1991; Chamboredon, et. al., 1994). Além disso, esse trabalho segue as definições de “situação social” proposta por Goffman e considera que, do mesmo modo que as demais “ordens interacionais”², a situação de entrevista encontra seus fundamentos e suas condições de possibilidade nos repertórios e suposições culturais próprios de cada grupo social aos quais os indivíduos estão vinculados. Assim sendo, as interações estabelecidas durante o processo de entrevista são constituídas com base em um conjunto de pressupostos culturais internalizados, de procedimentos e regras naturalizadas e de práticas ritualizadas que não são iguais para o conjunto dos entrevistados, uma vez que eles fazem parte de diferentes categorias e grupos sociais. Com base nisso, as situações de entrevistas são abordadas como uma série infindável de relações de força e de micro-lutas, mediante a constante simulação (de si) e exame (do outro) nas quais está em jogo, entre outras coisas, a definição da própria situação de entrevista através do domínio das informações que o entrevistador e o entrevistado podem ter um do outro e, mais especificamente, das mútuas possibilidades de controle e de definição da forma de distribuição do lugar de “sujeito” e de “objeto” em tal ordem de interação. Elas implicam a mobilização, tanto por parte do entrevistado quanto do pesquisador, de determinadas modalidades de apresentação de si que estão fundadas nas percepções e informações que cada um tem do seu interlocutor e dos atributos que eles possuem e exibem em tal situação com base nas suposições culturais dos grupos aos quais tais atores estão vinculados.

Enquanto um tipo particular de representação da condição de militante, as entrevistas demandam a utilização de todo um “equipamento expressivo do tipo padronizado” e “ritualizado”, como diria Goffman (1999, p. 29), que deve ser considerado durante todo o processo de entrevista: em primeiro lugar, a negociação e o estabelecimento do “cenário” onde ela foi realizada (em casa, no trabalho, em parques, bares ou outro lugar qualquer); em segundo, o emprego de “signos exteriores ao corpo”

² . Para uma definição de “situação social” e “ordem de interação” como um determinado tipo de “ordem social” regida por leis e regras próprias de funcionamento e comportando diferentes “unidades estruturais”, ver especificamente Goffman (1991, textos 1, 4 e 6 e 1967, 1999).

(atributos físicos, aparências, formas de vestir, etc.) que informam sobre o *status* do entrevistado e o estado ritual em que está empenhado na realização de tal atividade (grau de formalidade ou informalidade); e, em terceiro, a mobilização de signos incorporados (gestos, maneiras, atitudes, condutas, etc.) que remetem para o tipo de “papel” ou posição que ele espera desempenhar na situação de entrevista e durante o processo de desenvolvimento da pesquisa. Deste modo, as performances dos entrevistados durante o processo de negociação e realização das entrevistas acionam uma série de tipificações prévias que influenciam o desenrolar das próprias situações de entrevista, mas que estão fundadas nas condições e lógicas sociais que os conduziram ao militância na defesa de tais causas. Dito de outro modo, as apresentações de si como “ecologistas” não parecem restritas ao momento da entrevista e forjadas exclusivamente para tal situação, pois estão vinculadas a determinados padrões de engajamento e de atuação na defesa ambiental.

O material utilizado como fonte de informação decorre de uma investigação sobre as condições e as lógicas sociais do engajamento e da participação na defesa de causas ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e 2005 (Oliviera, 2005). Em tal pesquisa foram realizadas 50 entrevistas biográficas com os dirigentes das principais ONG’s ambientalistas do estado que ingressaram nas mesmas em diferentes momentos do período considerado, possibilitando a caracterização e a comparação de distintas gerações militantes. Tal material foi complementado pela realização de observações etnográficas da intervenção de tais dirigentes em uma série de eventos vinculados à defesa do meio ambiente (reuniões de associações, seminários e congressos, conselhos e comitês de proteção ambiental, etc.). Os procedimentos metodológicos adotados concentraram-se na investigação das trajetórias familiares, escolares, ocupacionais e militantes que conduziram os dirigentes ao ambientalismo e na análise da diversidade de esferas e de redes sociais que contribuem para a aquisição e a reconversão dos recursos que fundamentam suas concepções e práticas militantes. A coleta de informações complementares sobre esses militantes em livros e artigos de jornais e, principalmente, as conversas e observações dos mesmos em reuniões de entidades e de conselhos e comitês e em festas e confraternizações permitiram perceber que em suas atividades cotidianas às mais variadas, o “militante ecológico” se serve também dessas tipificações para dar sentido e tornar coerentes suas ações, tanto para ele próprio quanto para

aqueles com quem interage.

Desse modo, pretendo demonstrar, através desse artigo, que a exigência dos entrevistados do “comprometimento” do pesquisador e do “conhecimento científico” “perante à sociedade” remetem a certos aspectos centrais do processo de constituição da identidade de militante ecologista: as concepções de sociedade e de política que respaldam o engajamento e as práticas militantes nas organizações ambientalistas; as dinâmicas de socialização e de formação do “interesse” pela atuação na defesa do meio ambiente. Para dar conta disso, o texto está organizado em duas partes principais: Em primeiro lugar, examinam-se os princípios que respaldam as “representações biográficas” dos entrevistados em diferentes “situações sociais”. Em segundo lugar, analisam-se as condições e lógicas sociais que conduzem ao engajamento e ao militância na defesa ambiental.

“EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS”, REPRESENTAÇÕES BIOGRÁFICAS E “COMPROMISSO” MILITANTE

As respostas dos entrevistados sobre como começou o seu engajamento na defesa do meio ambiente freqüentemente tomaram um sentido muito mais geral do que o pretendido inicialmente pelo entrevistador. Ao invés de apresentarem os acontecimentos e as circunstâncias imediatamente vinculadas à sua adesão a determinadas mobilizações ou organizações ambientalistas, seus relatos têm como característica principal a evocação de momentos e situações de sua “vida” que desde muito cedo os colocaram diante de experiências, valores e problemáticas que estão na “origem” do seu “interesse” e que dão certa coerência e consistência à sua participação nas lutas ambientais. Trata-se de práticas de contato e de convívio intenso com a natureza, ou mais precisamente, com paisagens, plantas e animais, como também de experiências familiares, religiosas, políticas, escolares e profissionais que proporcionaram o nascimento ou o despertar de valores e de atitudes que se tornaram a “causa” principal do seu ingresso e permanência no ambientalismo. Desta forma, o engajamento se apresenta para eles como algo que lhes concerne “diretamente” e que é muito anterior a qualquer tipo de envolvimento com as organizações, grupos, militantes e causas ambientais e que, portanto, está muito além da esfera da “escolha” e da “decisão pessoal”, de modo que nem eles próprios conseguem situar o momento preciso de suas “vidas” em que emergiu tal “interesse”. Um bom exemplo dessa forma de

justificativa se encontra na entrevista com o ex-diretor do DEFAP durante a gestão do PT na administração do Estado do Rio Grande do Sul

Eu sempre tive uma relação muito forte com a natureza que veio desde 5 anos de idade. Eu me lembro bem disso porque minha avó me levou pra passar umas férias na fazenda de uns amigos da família em Jaquirana. Eu voltei de lá completamente apaixonado [...] aquelas imagens, aquelas paisagens pegaram muito fundo assim [...]. Tinha já a idéia de ser veterinário, desde os 5 anos de idade (Entrevista).

A principal distinção que se pode estabelecer no conjunto dos relatos é entre aqueles que salientam as práticas de convivência e de contato direto com o mundo natural e as que remetem a experiências e valores de cunho “social” e “político”. Essa separação, entre o que se pode chamar inicialmente de explicações “naturalistas” e de explicações “políticas” da “origem” do seu engajamento, funciona apenas no extremo ou no limite, pois o corriqueiro é a apresentação de formas variadas de mistura e de dosagem entre estes e outros elementos. Todavia, tal distinção constitui uma primeira aproximação dos tipos de experiências que se apresentam para os próprios dirigentes como requisitos essenciais para entrar e para continuar nesse militância e que, ao mesmo tempo, servem para estabelecer as fronteiras que balizam as modalidades de construção do “itinerário biográfico” que está no fundamento do “interesse” e da “entrada” no ambientalismo. Tanto nas explicações “naturalistas” quanto naquelas que se reportam às experiências “sociais e políticas”, há uma grande tendência dos dirigentes de demarcarem o início de seu interesse pela defesa ambiental durante a socialização primária. Para eles, o seu “gosto pela natureza” é muito anterior a qualquer tipo de interesse, seja ele “pessoal”, “profissional” ou “político”. Pelo contrário, são certos “valores” e “experiências” que estão inscritos em sua “vida” desde muito tempo que os impeliram para o ambientalismo e que, ao mesmo tempo, orientaram suas escolhas “profissionais” e “políticas”. Foi o contato direto com a “natureza” e com a “política” que imprimiu em suas “vidas” o sentimento da necessidade de defender as causas ambientais.

A busca de um “sentido” para o engajamento na infância ou em experiências muito anteriores ao momento de ingresso no ambientalismo, nos coloca diante da importância dos “recursos biográficos” na legitimação da posição de ambientalista e não se limita à situação de entrevista. A utilização da própria “vida” como demonstração da

capacidade de intervir na defesa do meio ambiente, através de referências a “experiências vividas” durante a infância é algo que está sempre presente nas reuniões das associações ambientalistas e, em menor medida, em congressos, seminários e debates. Nessas diferentes situações os participantes constantemente relatam experiências e acontecimentos vinculados à sua infância que comprovam suas preocupações e sua participação nas mobilizações ambientalistas. Como exemplo disso, cabe destacar as diversas conversas do pesquisador com participantes do XXIII e XXIV Encontro Estadual de Entidades Ecológicas quando estes sempre respondiam imediatamente e com certa “naturalidade” que desde pequenos eles gostavam de animais, plantas, paisagens campestres, etc., e, por isso, estavam ali.

Desse modo, muito mais do que simples “informações biográficas” tais formas de apresentação do “começo” do seu engajamento constituem uma primeira manifestação dos tipos de concepções de política que estão em jogo nesse tipo de militância. A insistência em demonstrar que se vive na “prática” a defesa ambiental e que se têm “experiências” que respaldam suas intervenções implica um entendimento de que o engajamento constitui uma espécie de vocação e de devotamento a uma causa. E tem como fundamento principal uma concepção de política como uma “missão”, de modo que a representação biográfica de seu engajamento constitui uma forma de manifestação do seu intenso “comprometimento com a realidade”. Nesse sentido, vale salientar que o relato da emergência durante a infância desse “interesse” pela defesa ambiental quase sempre vem acompanhado ou está misturado à orientação de suas escolhas em matéria de formação universitária e do seu futuro profissional. Isso porque, um outro ingrediente de tal concepção se encontra nos seus relatos da formação escolar e universitária, evidenciando que ela está igualmente na base de suas formas de entendimento do papel e do lugar da escolarização na sociedade.

Quanto a isso, cabe salientar que indagados a respeito de sua formação escolar e universitária, a maioria dos entrevistados apresentam a “escola” de forma “negativa” e como algo que pouco contribuiu para sua formação profissional. E os motivos para isso são muito variados, tais como: sua falta de “utilidade prática”, a escola “pouco lhes deu”, eles tiveram que “descobrir quase tudo sozinho”, etc. Associada a isso, o relato dos seus itinerários escolares destaca freqüentemente a importância de sua participação nos mais variados tipos de organizações e “movimentos sociais” para a compreensão da

utilidade da formação escolar e universitária no exercício de suas atividades profissionais. Assim sendo, foi unicamente através do engajamento e da participação em diversos tipos de organizações e “movimentos sociais” (grêmios estudantis, diretórios e centros acadêmicos, organizações partidárias, MST, grupos de escoteiros, organizações religiosas, associações ecologistas, etc.) que tais militantes conseguiram “entender a universidade” e o curso escolhido e que adquiriram os conhecimentos e as competências que utilizam no exercício de sua profissão. Um bom exemplo dessa subordinação da formação escolar e universitária ao militantismo estudantil e partidário é o caso de uma dirigente do Centro de Estudos Ambientais (CEA). Para ela, quando ingressa no curso de educação física percebe que a universidade “é a mesma coisa que é na escola” e foi somente através da militância estudantil que ela conseguiu “acompanhar a faculdade” e “entender o que se passava ali”.

É reprodução da escola. Tem os atletas que são os melhores alunos. [...] Aí, tem os ruins, que não sabem fazer nada, eu me incluía na classe dos ruins, que fica ali, os excluídos da educação física. Uma coisa ridícula. A mesma coisa que é na escola. Eu fiquei apavorada. [...] E tu fica excluído toda a faculdade. Daí, no segundo ano, mais pro final, duas colegas minhas entraram no movimento estudantil [...] Daí, foi super legal porque eu consegui enxergar a faculdade... Bah, pra mim, foi tudo o centro acadêmico. Foi o que salvou a minha faculdade, senão teria sido um horror. Porque daí, eu consegui sabe acompanhar a faculdade bem diferente. A minha atuação foi bem diferente... Consegui entender o que se passava ali. Foi através do movimento (Entrevista).

Tais formas de apresentação da “história pessoal” evidenciam que, associadas às explicações “naturalistas” e “políticas” da “origem” do seu interesse pela “ecologia”, uma das motivações principais para o ingresso no ambientalismo é a idéia de que a aquisição de uma formação universitária, de competências técnicas e de suas vinculações com o exercício profissional é indissociável da capacidade de integrar tais tipos de conhecimentos a “ideologias e práticas políticas”, de modo que sem esse “compromisso” ou “articulação” com a “realidade” e com a “prática”, a escola e a formação que ela oferece não tem nenhum valor. Por isso, em contraponto às “limitações” encontradas na “escola formal”, eles salientam a grande importância que adquiriu em seus itinerários escolares e profissionais um conjunto diversificado de “vivências”, de formas de “sociabilidade”, de engajamentos e militâncias, demonstrando que foi “fora da escola” e da “universidade” que se estabeleceram o valor e a utilidade

de sua formação profissional. Para tais dirigentes, a formação escolar e técnica é algo que só tem utilidade se estiver associada a uma “prática”, à “experiência vivenciada” pela participação na “realidade” e, mais especificamente, em organizações políticas e nos “movimentos sociais”. É com base nisso que avaliam a utilidade da formação escolar e universitária e que apresentam a “escola” como algo que pouco contribuiu para sua formação profissional (Oliveira, 2005, 2007). Por isso, independente do tipo de formação universitária adquirida, é esse militância em relação à escolarização e à atividade profissional que constituem a tônica principal do relato dos entrevistados e que delimitam suas perspectivas de inserção e de ocupação de postos no mercado profissional. Nesse sentido, pode-se dizer que, para o conjunto dos dirigentes, o engajamento e a participação política constituem um dos ingredientes principais de sua formação e exercício profissional e não algo que é simplesmente “complementar” ou “adicional” ao seu trabalho e à sua ocupação.

Os princípios que fundamentam estas concepções e práticas não parecem próprios ou exclusivos desse tipo de atuação profissional. Eles remetem à definição da escolarização pela sua instrumentalidade para a “politização” das mais diferentes esferas de atividade e estão vinculados à própria configuração do espaço escolar e do exercício profissional no Brasil (Conniff, 2006; Love & Barickman, 2006). Fundamentando, por um lado, concepções e práticas que fazem do engajamento e da participação política uma forma de extrapolar os “limites de sua profissão” e de associar sua formação escolar e o exercício profissional à “cultura geral” e ao “humanismo” (Coradini, 1998) e, assim, “elevar-se acima do simples exercício de sua profissão” (Dezalay & Garth, 2002). E, por outro, constituindo também um dos ingredientes principais das mais diferentes formas de militância (Coradini, 2002). Trata-se, enfim, de uma situação em que o sentido e o valor da “profissão” são inseparáveis do “compromisso” com uma “realidade” que é “totalmente política” (Pécaut, 1990), de modo que a formação escolar e o exercício profissional requerem a capacidade ou competência de “comprometimento” da formação escolar e técnica com “a realidade” e com a “prática”, ou no caso, com a “natureza” e com a “vida”. É por isso que o engajamento e a militância política, mais do que significar “ruptura” ou “distanciamento” das atividades profissionais, constitui sempre uma forma de “realização profissional”, de “comprometimento” e de não distanciamento da “realidade”. Nesse sentido, poder-se

dizer que a atuação no ambientalismo constitui uma forma de “ruptura” com o “simples” exercício profissional e de reativação de disposições que possibilitem “extrapolar os limites da profissão”, uma vez que, para eles, quando a formação e o exercício da profissão estão minimamente dissociados da “prática” resultam na “limitação” e na “redução” das possibilidades de seu desempenho e atuação. Tais concepções de sociedade e de política respaldam definições de “militância” e de “profissão” como esferas de atuação interligadas e inseparáveis e constituem um dos fundamentos principais da configuração do ambientalismo como uma “área de atuação profissional” que se caracteriza pela existência de modalidades diversificadas de participação individual e coletiva nas mobilizações e organizações vinculadas à defesa de causas ambientais nos diferentes períodos considerados. Dito de outro modo, na situação em pauta, ao invés da configuração de um “campo” ou “setor” de atividade específica, o ambientalismo se tornou uma das formas de “articulação” da formação escolar e universitária com a militância política para o exercício de cargos e postos profissionais nas mais diferentes esferas de atividades, tais como partidos políticos, universidades, agências governamentais, empresas de consultoria, em associações, etc.

IDENTIDADE MILITANTE, ESFERAS DE ATIVIDADE E ATUAÇÃO PROFISSIONAL NA DEFESA DO MEIO AMBIENTE

Durante o processo de negociação e de realização das entrevistas os dirigentes ambientalistas não fazem apenas descrições, interpretações e avaliações do seu engajamento. As formas de aceitação da entrevista e o tempo dedicado à mesma, assim como o estabelecimento do cenário, as maneiras e os gestos dos entrevistados remetem a conjuntos distintos de tipificações dos elementos que conduzem à militância e trazem à tona padrões distintos de representação identitária do engajamento dos entrevistados. Nesse sentido, observa-se que são os dirigentes que participam da luta ambiental há mais tempo os que apresentam entrevistas mais longas com duração variando, na maioria dos casos, de duas a cinco horas. Já aqueles que ingressaram na defesa ambiental a partir dos anos oitenta realizam entrevistas bem mais curtas com o tempo de duração variando entre trinta minutos e duas horas. Do mesmo modo, são também os dirigentes mais antigos que se dispõem mais facilmente para realizá-las em suas casas, onde esperam o pesquisador freqüentemente com um conjunto de documentos, artigos de jornais, fotografias e livros sobre sua participação e as lutas nas quais se envolveram.

Enquanto que no caso dos demais, os cenários preferidos para a realização das entrevistas são locais de trabalho, bares, parques e sede das próprias associações, sendo também os que se mostraram mais ocupados e “sem tempo” para dar entrevista. Em todas essas situações, o processo de negociação e de realização das entrevistas traz à tona um conjunto de informações que remetem para diferentes modalidades de articulação do engajamento com as demais esferas de vida dos dirigentes.

Um dos padrões de apresentação da si característico desse universo é a situação de entrevista em que a definição do tempo e do cenário da entrevista remete simultaneamente às esferas da formação e do exercício profissional, da atuação como ambientalista em palestras e seminários, das relações familiares, do lazer e de sua inserção no mundo da cultura e da arte. Tais aspectos estão na origem de um padrão de identidade militante e de participação no ambientalismo baseado fundamentalmente na bagagem cultural e política herdada do grupo familiar de origem e resulta numa concepção de participação política fundada nas relações estabelecidas a partir da esfera familiar. Um dos casos que melhor exemplifica isso é o de um ex-presidente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN). O primeiro contato com o mesmo ocorreu durante uma festa de comemoração do prêmio “Ecologista do Ano” recebido pela Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) em 13 de dezembro de 2001. Ele discutia com outro militante, mostrando-se contrário aos “estudos científicos sobre o movimento ecológico”, pois, segundo ele, “acabam expondo as fragilidades do movimento e sendo mais prejudiciais que benéficos para a militância”. Uma outra situação foi na universidade, quando o pesquisador estava acompanhado de uma professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, que é esposa de um antigo militante da AGAPAN e amiga do referido entrevistado e de sua esposa que também é militante da entidade. Quando indagado sobre a entrevista ele aceitou, dizendo para telefoná-lo outra hora. Foi somente após um longo período de contatos e conversas durante várias confraternizações da AGAPAN e mediante a “ameaça” de excluí-lo da pesquisa, dada à urgência de concluir o trabalho de entrevista, que se estabeleceu uma data para a mesma, a qual ocorreu no dia 27 de novembro de 2002. O tempo de gravação da entrevista durou cerca de 3 horas, sendo uma das mais longas. Além disso, após o término da mesma o entrevistado pegou o violão e começou a tocar algumas composições suas e ficou conversando com o pesquisador durante uma

hora e meia: “Terrar”, inspirada num cartão que tinha na AGAPAN sobre o que o Armstrong disse quando viu a terra da lua; “Revolução”, “que nunca aconteceu” e para sua atual esposa quando a conheceu; uma outra que fez para o primeiro filho; algumas que misturavam folclore gaúcho e bossa nova.

O outro padrão típico é representado pelos casos em que o tempo e o cenário da entrevista remetem a um tipo de identidade militante em que as esferas da militância e da profissão se mostram fortemente articuladas e praticamente indistintas. Tal situação remete a mudanças ocorridas nos contextos políticos e ideológicos dos anos de 1980 e se caracteriza pela emergência de padrões de definição e de atuação que resultam do ingresso de indivíduos com origens sociais mais baixas e heterogêneas e que têm como principal base de recursos, os vínculos estabelecidos no decorrer de seus itinerários familiar, escolar e profissional com partidos políticos, organizações e movimentos sociais diversificados (Oliveira, 2007). Um exemplo ilustrativo disso é o caso de um dos fundadores do Núcleo de Eco-Jornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ/RS) nos anos de 1990. Também nesse caso entre o primeiro contato e a data de realização da entrevista transcorreram alguns meses, os quais foram também acompanhados de sucessivos contatos com o entrevistado nos mais variados eventos. Todavia, nesse caso, a “falta de tempo” diz respeito a compromissos relacionados tanto a sua ocupação profissional quanto à sua atuação nas mobilizações ambientalistas. Essa forte imbricação entre “profissão” e “militância” se evidencia também pelo estabelecimento do cenário de entrevista: o local de trabalho. Nesse sentido, ele respondeu à demanda de entrevista pedindo “um tempo”, pois há vários dias estava “tentando tirar férias” e não conseguia, sugerindo um novo contato telefônico no início de dezembro para a Procuradoria da República onde trabalha. Quando isso foi feito, ele marcou a entrevista para a mesma semana, mas um dia antes ligou para o pesquisador desmarcando por ter surgido “uns problemas” que tinha que resolver naquela semana, transferindo a mesma para o dia 18 de dezembro. No entanto, quando o pesquisador chegou ao local da entrevista no horário estipulado ele foi logo pedindo desculpas, dizendo que a entrevista não poderia ser naquele dia em função da ausência de um colega de trabalho o que o deixou “cheio de coisas para fazer” e acrescentando que não ligou antes como da outra vez porque não teve realmente como fazer isso, uma vez que não estava prevista a ausência do colega. Pediu para lhe ligar novamente no dia 07 de janeiro de 2003. O

próximo contato somente foi feito no dia 09 de março de 2003 e ocorreu durante a participação do pesquisador numa “Terça Ecológica” promovida pelo NEJ. Nesse encontro ele pediu que lhe telefonasse na próxima semana que estaria “mais livre”. Dois dias depois, um novo contato aconteceu no “Tribunal dos Transgênicos” no qual ele participava da organização representando o NEJ, mas não se falou da entrevista. No dia 17 de março foi feito um novo contato telefônico e ele disse que só seria possível para a próxima semana, marcando então para o dia 24 de março às 17 horas. Dessa vez a entrevista aconteceu, tendo uma duração de aproximadamente uma hora e meia.

CONCLUSÕES

Ter uma “biografia” coerente com o engajamento não é algo que está em jogo apenas na defesa de causas ambientais. Como se sabe, o desenvolvimento de “empresas biográficas” diversificadas remonta a “processos históricos de subjetivação de longa duração” (ELIAS, 1994; MAUSS, 2003), sendo muito mais do que uma “moda” atual exclusiva das ciências sociais. Hoje em dia, os terrenos de “exercício biográfico” e os locais de fabricação e de difusão de “informações biográficas” são bastante numerosos e diferentes atividades sociais estão fundadas na produção e sistematização de “esquemas de interpretação biográficos” que são continuamente apropriados de maneira variada pelos atores sociais: romances biográficos, emissões de notícias biográficas e de entrevistas na imprensa e na televisão, publicação de biografias e autobiografias de famílias e de grandes personalidades, *Curriculum vitae*, entrevistas de seleção de pessoal, etc. (BOURDIEU, 1986; COLLOVALD, 1988). Essas diferentes formas de “institucionalização do eu” implicam a elaboração de “relatos autobiográficos psicologizantes, sociologizantes ou historicizantes” (PUDAL, 1994, p. 17). Elas têm efeitos diretos e indiretos também sobre as dinâmicas de demarcação e de distribuição de posições dentro das mais diferentes ordens interacionais, uma vez que o funcionamento destas depende tanto do registro de “índices” e atributos vinculados à aparência física ou corporal (aparências, gestos, maneiras, linguagem, etc.), quanto do recolhimento ritual de “informações biográficas” obtidas durante a conversação (origem familiar e geográfica, itinerário escolar e profissional, motivos e razões de ser de certas escolhas, etc.) (PENEFF, 1994, p. 25).

Enquanto uma das fontes principais na gestão de suas mais variadas interações, as formas de utilização de “informações biográficas” que estão presentes nas situações

de entrevista não são alheias ao que Goffman (1991) designa como “autopromoção de si” que, no caso dos ambientalistas, ocorre mediante a inserção em organizações ambientalistas, a participação em reuniões, encontros, seminários, conselhos e confraternizações, de modo a preencher uma série de situações cotidianas de “cerimonial e de signos rituais” para impor uma imagem de si mesmo e nas quais eles se vêem incumbidos de representar uma “história” ou uma “vida” dedicada à defesa de causas ambientais. Nesse sentido,

o trabalho de encenação da identidade que se desenrola no curso da entrevista não deve ser considerado como um artifício que revela somente a contingência da situação, mas ao contrário ele permite apreender as categorias fundamentais pelas quais o entrevistado pensa suas práticas e sua posição no mundo social e constrói sua identidade pública (AGRIKOLIANSKY, 2002, p. 32).

Tratando-se de um dos recursos constitutivos do trabalho de apresentação de si, a utilização de “dados biográficos” tem uma “função prática” para os atores sociais que não pode ser negligenciada: ela implica um conjunto de “esquemas de interpretação e de identificação”, um “stock de modelos de ação e de imagens de si” (DAMMAME, 1994). Deste modo, a investigação das modalidades de apresentação de si é também uma via para a apreensão das “elaborações identitárias dos atores”, pois nos coloca diante do trabalho de auto-análise, de definição e de estilização dos atores, ao mesmo tempo, que nos remete para os “modelos culturais” que estão subjacentes às identificações que os indivíduos se projetam e às identidades que eles se dotam:

Levar em conta as representações de si é, na medida em que a identidade não constitui uma formação estável, mas mais que tudo uma soma de ‘realidades’, adição de momentos na trajetória do indivíduo e de figuras relevantes de alguns universos sociais, deter-se no trabalho de rearranjo ao qual o indivíduo se submete para integrar essas diferentes facetas em um conjunto apresentável, suficientemente acreditável aos olhos dos outros assim como a seus próprios olhos (DAMMAME, 1994, p. 186-187).

As maneiras através das quais os entrevistados empregam seu equipamento expressivo durante o processo de entrevista, constitui um dos aspectos principais da definição da “fachada” individual e coletiva do engajamento. Nesse sentido, os relatos biográficos apresentados implicam a mobilização de determinados modelos de conduta que demarcam os contornos de sua identidade de militante: é toda uma “fachada” de sua

própria “história” e “de sua vida”, de suas características familiares, pessoais e psicológicas que são utilizados para respaldar os tipos de militantes que eles encarnam. Através delas é possível apreender como os dirigentes “imaginam seu lugar no mundo social e no espaço público” e em que medida o engajamento “constitui o vetor de uma tal representação” (AGRIKOLIANSKY, 2002, p. 35).

Desse modo, muito mais do que simples “informações biográficas” tais formas de apresentação de si mobilizadas durante a entrevista constituem uma primeira manifestação dos tipos de concepções de política que estão em jogo nesse tipo de militantismo. A insistência em demonstrar que se vive na “prática” a defesa ambiental e que se têm “experiências” que respaldam suas intervenções implica um entendimento de que o engajamento constitui uma espécie de vocação e de devotamento a uma causa. E tem como fundamento principal uma concepção de política como uma “missão”, de modo que a representação biográfica de seu engajamento constitui uma forma de manifestação do seu intenso “comprometimento com a realidade”. Tal concepção se faz presente de forma bastante intensa também nos seus relatos da formação escolar e universitária, evidenciando que ela está igualmente na base de suas formas de entendimento do papel e do lugar da escolarização na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGRIKOLIANSKY, Eric. *La Ligue Française des Droits de L'Homme et du Citoyen Depuis 1945*. Paris, L'Harmattan, 2002.
- BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. *Guide de l'Enquête de Terrain*. Paris : La Découverte, 1998.
- BOURDIEU, P. L'illusion biographique. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (62/63), juin, 1986.
- CHAMBOREDON, H. et al. S'imposer aux imposants; A propos de quelques obstacles rencontrés par des sociologues débutants dans la pratique et l'usage de l'entretien. In: *Genèses*, 16, juin, 1994. P. 114-132.
- COLLOVALD, A. Identité(s) strategique(s). In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (73), juin, 1988, p. 29-40.
- CONNIFF, M. L. A Elite Nacional. In: HEINZ, F. M. *Por Outra História das Elites*. São Paulo, FGV, 2006, p. 99-121.
- CORADINI, Odaci Luiz. *Escolarização, Militantismo e Mecanismos de 'Participação' Política*. HEREDIA, Beatriz, TEIXEIRA, Carla, BARREIRA, Irllys. (Orgs.). *Como se Fazem Eleições no Brasil*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 2002, pp. 103-153.
- _____. *Panteões, Iconoclastas e as Ciências Sociais*. FELIX, Loiva Otero e ELMIR, Cláudio Pereira (Orgs.). *Mitos e Heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 1998, pp. 209-235.
- DAMAMME, D. *Grandes Illusions et Récits de Vie*. In: *Politix*, 27, 1994, p. 183-188.

- DEZALAY, Yves e GARTH, Bryan. La Mondialisation des Guerres de Palais. La restructuration du pouvoir d'État en Amérique Latine, entre notables du droit et "Chicago Boys". Paris : Seuil, 2002.
- ELIAS, N. El Proceso de la Civilización: investigaciones sociogenéticas y psicogenéticas. México, Fondo de Cultura Económica, 1994.
- GOFFMAN, E. A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1999.
- GOFFMAN, E. Interaction Ritual. Essays on Face to Face Behavior. New York, Patheon Books, 1967.
- GOFFMAN, E. Los Momentos y sus Hombres. Textos Seleccionados y Presentados por Yves Winkin. Barcelona, Paidós, 1991.
- LOVE, J. L. & BARICKMAN, B. J. Elites Regionais. In: HEINZ, Flávio. M. Por Outra História das Elites. São Paulo, FGV, 2006, p. 77-97.
- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MERLLIÉ, Dominique. A Construção Estatística. In CAMPAGNE, Patrick. et al. Iniciação à Prática Sociológica. Petrópolis : Vozes, 1996, p. 107-170.
- OLIVEIRA, W. J. F. "Paixão pela Natureza", Atuação Profissional e Participação na Defesa de Causas Ambientais no Rio Grande do Sul entre 1970 e Início dos Anos 2000. Porto Alegre, UFRGS, Tese de Doutorado em Antropologia Social, 2005. Disponível no site: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000526042&loc=2006&l=bf2bb6bbdcf3022e> [acesso em 27 de fevereiro de 2008].
- OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. (2007b), "Formas Precárias de Emprego, Atuação em ONG's e Inserção Profissional". Sociedade em Debate, Pelotas, v.13, n.1 Jan./Jun.
- PÉCAUT, Daniel. Os Intelectuais e a Política no Brasil: Entre o povo e a nação. São Paulo : Ática, 1990.
- PENEFF, J. Les grandes tendances de l'usage des biographies dans la sociologie française. Politix, Vol. 7, N° 27, 1994, p. 25-31.
- PINÇON, M & PINÇON-CHARLOT, M. Pratiques d'enquêtes dans l'aristocratie et la grande bourgeoisie. Genèses, 3, mars, 1991. P. 120-133.
- PUDAL, B. Du biographique entre "science" et "fiction" Quelques remarques programmatiques. Politix, Vol. 7, N° 27, 1994, p. 5 – 24.